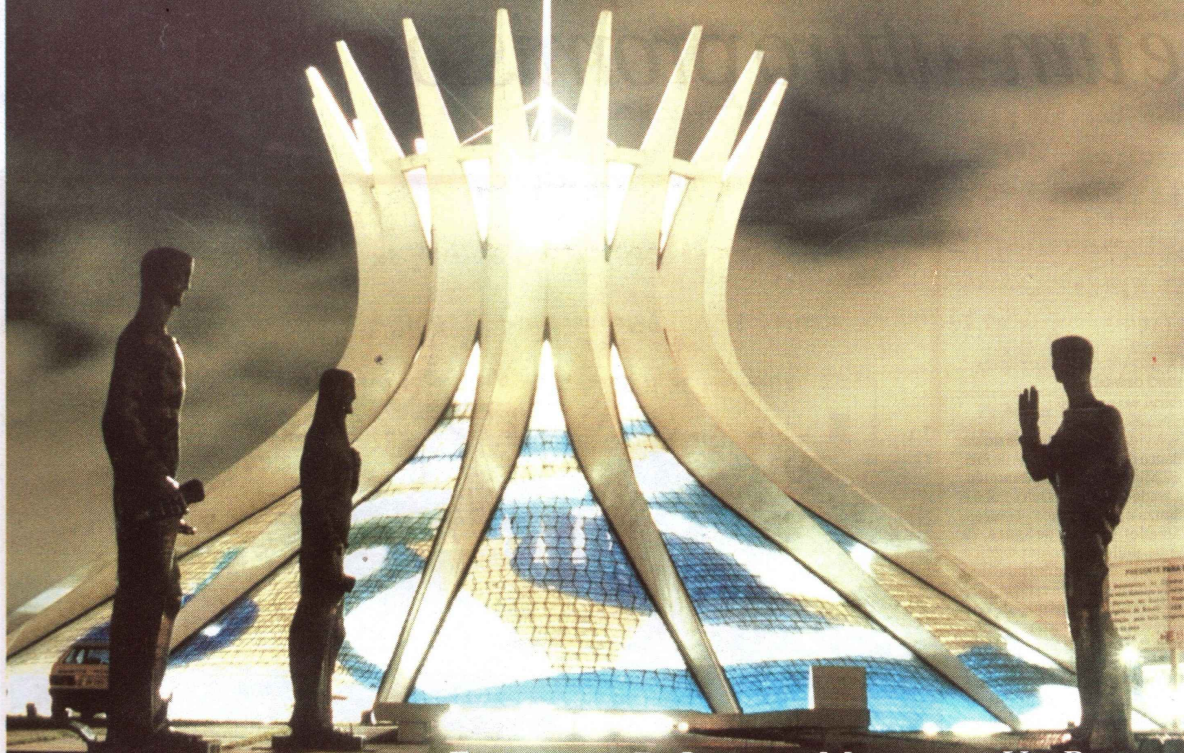


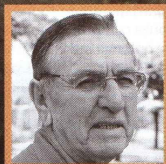
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília



Se a vida para os homens era difícil na construção e nos primeiros anos da nova capital, imagine para as mulheres que por espírito aventureiro ou para acompanhar os maridos chegaram até 1963. As dificuldades eram tantas que algumas preferiam ignorar a falta de infra-estrutura. Mas o fato é que elas vinham, sofriam, ficavam e se apaixonavam. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília* a vida nesta época e retratada na lembrança de seus moradores.

Amador
T. de Souza



Esther
de Souza



D. Geraldo
Ávila



Maria da
Penha Motta



Vera Bulhões
Pedreira



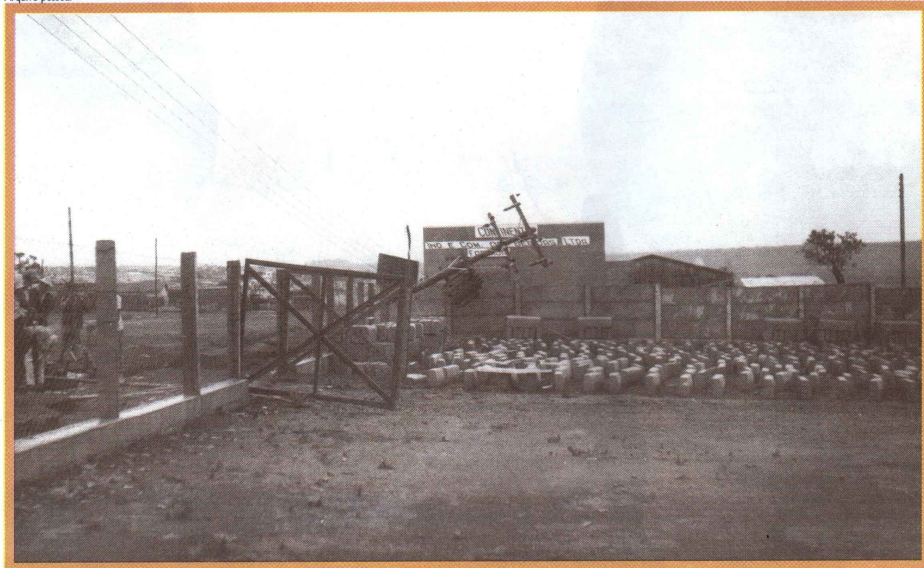
PIONEIROS



Amador Teodoro de Souza

Dificuldades superadas e um futuro promissor

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida como funcionário do Banco do Brasil na cidade de Araxá, Minas Gerais, era tranquila. Casado com Maria Dulce Lobo e Souza e pai de cinco crianças, Amador Teodoro de Souza, 79 anos, poderia escolher seguir o caminho de um futuro previsível e financeiramente estável. Mas preferiu unir-se aos que se aventuravam em busca das grandes realizações que a construção da nova capital do Brasil propunha.

Munido deste ideal, Souza conheceu a terra onde seria instalado o Distrito Federal em 1957. Sozinho, o mineiro foi um dos poucos a conhecer a região onde hoje está o Plano Piloto completamente dominada pela vegetação do Cerrado. “Havia apenas três prédios em construção e eu nem me lembro quais”, conta. Seria compreensível diante daquele cenário inóspito desistir da mudança, mas Souza preferiu seguir a intuição. “Senti que meu futuro estava aqui”, afirma.

De volta a Minas Gerais, tentar uma transferência junto ao banco seria uma solução, mas a única agência mantida pela instituição na Cidade Livre já estava com as poucas vagas preenchi-

das. “Além disso, meu marido não nasceu para ficar sentado atrás de uma mesa o dia todo”, justifica Dulce. A opção de Souza foi afastar-se do ofício e embrenhar-se em algo totalmente novo. “Comprei um caminhão e com ele eu traria produtos como côco da Bahia e cachaça para vender em Brasília”, recorda-se.

Fronte a um cotidiano tão incerto, a família precisaria aguardar um pouco mais antes de acompanhá-lo na viagem. A esposa e os filhos mudaram-se então para Ipameri (MG), onde pas-

sariam algum tempo na companhia do pai de Dulce.

A segunda chegada à Cidade Livre aconteceu em junho de 1958. Souza instalou-se em um dos hotéis de madeira da cidade e deu início às viagens com o caminhão. O negócio tornou-se mais cansativo do que satisfatório fazendo com que o mineiro ficasse novamente atento a outras oportunidades. A segunda opção surgiu rápido, em Ipameri. “Havia uma empresa de artefatos de cimento à venda na cidade e eu achei que es-

te tipo de produto teria boa saída aqui”, conta.

Seis meses depois de instalado temporariamente na Cidade Livre, Souza comprou a empresa e abriu a primeira indústria formalizada de Taguatinga — a Copiso Indústria e Comércio Ltda. Na oportunidade, início de 1959, não era difícil conseguir um lote na região junto à Novacap. “Fui até o escritório da companhia e disse que queria um terreno para montar uma indústria”, conta.

A Copiso foi instalada no Setor Industrial de Taguatinga, onde

hoje está o Hospital Anchieta. Taguatinga estava se formando, com duas ruas sendo abertas e um posto com funcionários ligados à prefeitura de Brasília. A indústria seria especializada na fabricação e venda de ladrilhos hidráulicos, postes de cimento para cercas, cobogós, tanques de concreto, blocos para construção de meio-fios etc. Clientes

EM TAGUATINGA, A FÁBRICA DE PISOS E AZULEJOS QUE O PIONEIRO MONTOU

PIONEIROS

O desejo de participar da construção de Brasília era tão grande que, para vir para cá o pioneiro abandonou a carreira no Banco do Brasil em Minas Gerais

não faltariam, uma vez que cantoneiros de obras espalhavam-se por todo o Distrito Federal.

Marteladas à noite

Com o terreno da indústria, Souza pôde construir uma pequena casa de madeira para abrigar a família. Dulce e os filhos passaram então a acompanhá-lo na aventura no Planalto Central.

Diferente dos candangos que viviam na Cidade Livre ou nos acampamentos que já existiam no Plano Piloto, viver em Taguatinga era tarefa mais árdua para quem estava acostumado ao convívio social e à infra-estrutura de uma cidade. A nova moradia da família não tinha água encanada nem energia elétrica. "Tirávamos água de uma cisterna para fazer nossa comida a dos trabalhadores da indústria, pois não havia outro lugar onde eles pudessem se alimentar", conta Dulce.

Depois de um tempo, Dulce conta que a Caesb lhes deu acesso à chave de um registro para que pudessem retirar água quando precisassem. "Juntavam várias mulheres ao meu redor para retirar água também e eu deixava", recorda-se.

O comércio mais próximo ficava distante, na Cidade Livre. Em Taguatinga não existia nem farmácia. Souza tentava comprar o necessário que desse para o máximo de dias possível para não ter que percorrer o caminho entre a Cidade Livre e Taguatinga com muita frequência. "Os buracos eram do tamanho do jipe que nós tínhamos", diverte-se.

A indústria ia se consolidando aos poucos, mas com muita dificuldade. Souza acordava todos os dias às 5 horas e trabalhava até o escurecer. Não havia folga nos finais de semana e o maior obstá-



A FAMÍLIA JÁ NUMEROSA DE AMADOR CRESCEU EM BRASÍLIA

“**COMPREI UM CAMINHÃO E COM ELE EU TRARIA PRODUTOS COMO CÔCO DA BAHIA E CACHAÇA PARA VENDER EM BRASÍLIA**”

culo ao funcionamento da fábrica era a contratação de mão-de-obra especializada.

Cerca de três anos após a abertura da Copiso, Souza e a família compraram um terreno no centro de Taguatinga. A cidade já havia crescido bastante e o número

de habitantes aumentava todos os dias. "Passávamos a noite ouvindo marteladas", conta Dulce. "Quando acordávamos, já havia barracos novos na vizinhança", completa. As invasões nos lotes demarcados eram comuns. Antes de construir a casa nova, por exemplo, Souza teve que procurar ajuda para retirar uma pessoa de seu terreno. "Coloquei parte do material para a construção no lote à noite e quando fui até o local na manhã seguinte, já havia um barraco pronto e uma pessoa morando nele", revela o mineiro.

No supermercado da SAB, recém aberto na cidade, a venda dos produtos era controlada porque não era suficiente para abastecer a todos com fartura. Cada pessoa só podia comprar um item de cada mercadoria.

Percorrendo o Plano Piloto para atender a demanda dos clientes, Souza teve a oportunidade de ver JK algumas vezes. Segundo ele, era costume do presidente subir as escadas que ficavam no exterior dos blocos em construção para ve-

rificar o andamento das obras.

A saída de JK da Presidência da República causou uma crise na economia da Brasília que acabara de ser inaugurada. Os boatos de retorno da capital para o Rio de Janeiro persistiam e ganhavam força em 1961, na figura do novo presidente, Jânio Quadros. Muitas empresas tiveram que fechar as portas. Segundo Dulce, muitas mulheres de candangos abandonaram seus maridos por não suportarem as dificuldades dos primeiros anos do Distrito Federal.

Depois de oito anos aberta, o faturamento da Copiso passou a valer a pena. Souza e Dulce suportaram os momentos difíceis, pois sempre acreditaram que Brasília se tornaria a cidade com as dimensões que tem hoje. Em 1962, Souza ajudou a fundar a Associação Comercial e Industrial de Taguatinga e em 1971, junto com a esposa, abriu o Centro Espírita Lar da Santíssima Trindade, em Taguatinga Norte, onde fazem trabalhos de orientação religiosa e cunho social.

Raio X

Nome:

Amador Teodoro de Souza

Origem:

Comarca de Monte Carmelo, município de Dourado Claro, Minas Gerais

Idade:

79 anos

Ano de chegada a

Brasília:

1958

Profissão:

Empresário

Filhos:

Hércules, Monalisa, Adriano, Marlinda, Ravena Maria, Alexandre e Ricardo

Netos:

Leonardo, Guilherme, Renan, Daniel, Ivone, Moisés, Mariana, Bruno, Henrique, Larissa, Thiago, Rodolpho, Gustavo, Daniele, Michele, Paulo Henrique, Paulo e Luciano.



Esther Moraes de Souza

Uma mulher aventureira no centro do país

Arquivo pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O amor por Brasília começou muito antes de sua chegada aqui. “Meu irmão veio trabalhar na construção da nova capital em 1957 e sempre dizia coisas maravilhosas a respeito da cidade”, lembra Esther Moraes de Souza. “Ele me contava que na futura capital do Brasil havia muito trabalho, não tinha horário para nada, que os funcionários só andavam de avião e que fazia muito frio também”.

O sonho de conhecer a cidade e a esperança de melhores oportunidades na região aumentavam a cada dia. Por coincidência, Esther acabava de entrar de férias do escritório de contabilidade, onde trabalhava, no Rio de Janeiro. Quando faltavam apenas dois dias para a inauguração de Brasília, a carioca resolveu embarcar para o cerrado. “Eu cheguei e fui direto para um hotel de madeira na Avenida Central da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Mesmo sem praia, Esther se sentiu em casa. “Eu gostei muito da cidade, apesar da poeira vermelha, do frio intenso e das dificuldades de transporte que havia naquela época. Aqui a gente andava a pé quando não era de carona nas caminhonetes das firmas. Além do mais, eu não via possibilidades de melhorias no Rio de Janeiro”.

Foi da boléia de uma caminhonete que Esther assistiu de



longe os folgoedos da cerimônia de inauguração da nova capital. “Como tudo acontecia muito espalhado, infelizmente não deu para assistir de pertinho”, lamenta.

Impressionada com a rapidez das obras, com o ritmo apressado dos operários e a popularidade do presidente Juscelino, que costumava andar nas ruas como uma pessoa comum, Esther voltou para o Rio — as férias haviam terminado — com a certeza de que aqui era a cidade do futuro e o local ideal para trabalhar e morar. “Eu cheguei no Rio de Janeiro

decidida a voltar”, afirma.

A primeira coisa que fez ao chegar na Cidade Maravilhosa foi ir ao escritório acertar a sua demissão. A decisão da funcionária causou surpresa ao chefe. “Ele me disse com todas as letras: Eu já vi homem aventureiro, mas mulher é a primeira”, recorda. “Por um lado ele tinha razão, era uma aventura mesmo mudar para uma cidade que acabava de nascer ainda mais sem emprego, sem nada”. Na esperança de que Esther voltasse atrás na decisão ele deixou a vaga à sua disposição.

A mudança

No mesmo ano, a pioneira voltou a Brasília disposta a começar uma vida nova. Para se manter aqui até arrumar um emprego, Esther encontrou o sustento na venda de roupas. Ela trazia do Rio para vender em Brasília. “Eu vendia muito para os funcionários dos bancos que funcionavam ali na W3 Sul. As roupas eram simples, para o dia-a-dia mesmo”. Como os tecidos e roupas aqui eram muito caros e havia poucas lojas, muitos compravam em outras cidades. “Nessa época, tudo era trazido de fo-

ESTHER COM AMIGAS NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES, EM FRENTE AO PALÁCIO DO PLANALTO

ra, até os ingredientes da feijoada eram encomendados do Rio”, lembra a carioca.

O primeiro endereço da pioneira foi no alojamento da construtora Ecel, na 306 Sul. “Os proprietários eram amigos do Guanabara (forma como era conhecido o irmão) e então me ajudaram a arrumar uma acomodação”, conta.

PIONEIROS

Depois de conhecer a cidade na época da inauguração, a pioneira resolveu pedir demissão do emprego no Rio de Janeiro para tentar a vida na nova capital

**ESTHER COM A
FAMÍLIA: OPÇÃO POR
VOLTAR PARA A
CIDADE E CRIAR OS
FILHOS**



“No início era muito difícil arrumar uma residência aqui!”. Depois da 306, Esther conseguiu um quarto emprestado, na 107 Sul, para onde ela e o irmão se mudaram. “O Guanabara conseguiu com uns amigos, mas tivemos que sair de lá em pouco tempo porque a família do funcionário veio para Brasília e precisou do apartamento”. Depois de tantas mudanças ela pode se estabelecer por um bom tempo no alojamento Dó-Ré-Mi, nas proximidades do Brasília Palace Hotel. “O Dó-Ré-Mi era misto, todo em madeira com quartos separados para homens e mulheres”.

A vida aqui não era fácil. O primeiro emprego e o único onde Esther permaneceu durante toda a sua vida na capital, foi na Fundação Hospitalar que funcionava no prédio do Ministério da Educação. Mais uma vez, ela contou com a ajuda do irmão — proprietário da Sociedade Guanabara de Limpeza —, que tinha acesso aos grandes órgãos públicos e desfrutava de boas amizades. A empresa era responsável, dentre outras coisas, “pela limpeza do taco (piso) dos prédios” que iam sendo construídos. “Meu irmão tinha um amigo engenheiro que era amigo do secretário de Saúde e foi por intermédio deles que consegui trabalhar na fundação”, explica.

Foi como escriturária que a pioneira iniciou sua carreira no funcionalismo, em novembro de 1960. O registro na carteira de trabalho ela exibe com orgulho. “A fundação foi inaugurada em setembro de 1960, um mês depois eu estava lá”. A escriturária teve a oportunidade de acompanhar todas as mudan-

ças da fundação e passou por todas as gestões. “Pude trabalhar com doze secretários de Saúde”, conta orgulhosa. De escriturária, foi promovida a secretária e em seguida a chefe da Divisão Pessoal, a assistente do diretor de Administração, a presidente da Comissão de Licitação e por último, como diretora da Divisão de Serviços Gerais.

Um grande susto

Depois do expediente na Fundação Hospitalar era comum um churrasquinho na beira do lago ou uma seresta. “Os servidores se reuniam, os médicos residentes também, pegávamos um violão e íamos embora para o lago. Quem não tinha carro pegava carona com o outro. Era um grupo muito animado”, ressalta. Esther também era frequentadora do Iate Clube, do Teatro Nacional e do Hotel Nacional. “Os bailes de lá, conhecidos como bailes da cidade, eram muito animados. A gente trazia as fantasias do Rio de Janeiro. Era uma época muito boa, não tinha violência e sempre conhecíamos pessoas novas”.

Segundo a pioneira, o perigo mesmo vinha de algumas construções. Como a cidade ainda era mal iluminada, as mulheres tinham receio de sair à noite sozinhas por causa da quantidade de pedões de obra. “Nós só saíamos em grupo”, afirma Esther.

Pouco habitada naquela época, a cidade escondia seus perigos nos arredores. Um ano depois da chegada, Esther passou por maus momentos. Segundo ela, por falta de opção, num sábado se juntou a um grupo da Fundação Hospitalar e resolveram sair para uma pescaria no rio São Bartolomeu, próximo ao Lago Paranoá. “Quando chegamos lá, não encontramos peixe nenhum e resolvemos voltar. Só que seguimos em dois grupos e o nosso retardou um pouco e acabamos nos perdendo na mata fechada”, recorda. Esther e seus dois colegas de trabalho, perdidos, andaram em sentido contrário. Foram 24h de terror. Até pedgadas de onça eles encontraram. Para iluminar o caminho, o colega, que, por sorte tinha uns cigarros e uma caixa de fósforo, providenciou uma

fogueira. “A turma que voltou comunicou a meu irmão, que pediu socorro ao Palácio do Planalto”. O helicóptero do governo foi a salvação. “Quando vimos o helicóptero sobrevoando a região, meu colega tirou a camisa e abanou”. Ela e os amigos já estavam no município de Cristalina. “Apesar do perigo que corremos naquela mata, graças a Deus não aconteceu nada”, conta aliviada. Depois do susto, ela ficou sabendo que eles foram notícia no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro. “Minha irmã leu a notícia e mal sabia que eu estava no meio”.

Foi em Brasília também que Esther viveu os melhores momentos de sua vida. “Aqui eu conheci meu marido e foi onde criei e eduquei meus filhos. Mas nessa época a cidade já tinha tudo, creches, escola, shopping”, comemora a pioneira. Há alguns anos atrás ela e o marido voltaram para o Rio de Janeiro. “Ele não gostava muito daqui”. Após a morte do marido, ela resolveu voltar para Brasília. “Achei que aqui era o melhor lugar para criar os filhos, por isso resolvi voltar”, afirma.

“**NESSA ÉPOCA,
TUDO ERA
TRAZIDO DE
FORA, ATÉ OS
INGREDIENTES
DA FEIJOADA
ERAM
ENCOMENDADOS
DO RIO**”

Raio X

Nome:
Esther Moraes de Souza
Idade:
70 anos
Origem:
Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília:
1960
Profissão:
Funcionária pública (aposentada)
Estado civil:
Viúva
Filhos:
Ana Lúcia, Alessandra e Jorge Henrique



D. Geraldo do Espírito Santo de Ávila

Indicado pelo a
para a capital re

Um exemplo de fé na nova capital

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A construção de Brasília não seria possível apenas com o trabalho e suor dos candangos. A fé e a esperança dos primeiros moradores foram fundamentais para a realização do sonho de Juscelino. Apesar das pouquíssimas paróquias existentes aqui — eram apenas cinco — e das diferenças culturais e religiosas de cada um, Dom Geraldo do Espírito Santo de Ávila, mais conhecido como Dom Ávila, soube iniciar e conduzir com determinação o trabalho pastoral na cidade.

A indicação para a Arquidiocese de Brasília desse mineiro de Datas, distrito de Diamantina, não foi por acaso. Dom Ávila entrou para o seminário com apenas 11 anos de idade e aos 23 já era pároco na cidade de Guanhães (MG).

Foi durante as primeiras atividades eclesiais que Geraldo Ávila conheceu o futuro presidente da República. "Juscelino era muito religioso e apoiou muito a Igreja", afirma. JK tinha um carinho muito grande pela terra natal e por Brasília. Não foi à toa que a arquidiocese da nova capital teve como precursores dois diamantinenses. As visitas constantes do então candidato à deputado federal ao seminário, on-

Arquivo pessoal



de estudava Dom Geraldo Ávila, e nos cursilhos deram início a uma longa e fiel amizade. Com o passar do tempo, os laços de amizade foram se estreitando e as confidências se tornavam cada vez mais comuns. "Uma vez, na escadaria da prefeitura de Diamantina — nessa época eu era vigário da catedral da cidade —, JK abriu sua campanha para governador e me confiou um segredo. Ele me disse que aquela escada dava sorte, por isso fariam ali o seu primeiro discurso como candidato", revela o sacerdote. Segundo o vigário, Juscelino sempre se confessava com ele.

A mudança de Dom Ávila para Brasília só aconteceu mesmo

dois anos após a implantação da arquidiocese, em 5 de agosto de 1962. "O Papa João XXIII transferiu o arcebispo (Dom José Newton) de Diamantina para comandar a arquidiocese de Brasília. Como ele teve de participar do Concílio, por um longo tempo no Vaticano — cerca de quatro anos —, me indicou para ser o vigário-geral", explica. Segundo o sacerdote, havia poucos padres na região.

A posse em Brasília

O dia da posse permanece vivo em sua memória. E não é para menos. "Foi no dia 19 de agosto de 1962, no meio de um poeirão danado", recorda ele. Dom Ávila

ficava na Cúria durante a semana e nos fins de semana tomava conta da pequena capela, na Vila Planalto. "Era uma capelinha simples e de madeira. Depois, com a ajuda da Novacap, construímos uma maior". Para dormir, o pároco utilizava o barracão nos fundos da capela. "No início era tudo muito difícil. As pessoas mal sabiam onde ficavam as igrejas. Foi uma luta danada", afirma o vigário. As igrejas naquele tempo eram erguidas como as demais construções da época. Todas em madeira. "A única em alvenaria era a Igreja de Fátima", recorda o pioneiro.

A adaptação por aqui não foi tão difícil. "No início eu estra-

D. ÁVILA (E) EM
CELEBRAÇÃO
RELIGIOSA NA
CAPITAL RECÉM
INAUGURADA

nhei um pouco porque Diamantina, apesar de pequena, tinha tudo e aqui estava tudo ainda por fazer", compara. "Aos poucos fui me acostumando com o lugar até chegar ao ponto de não querer sair mais", completa. Segundo ele, as missas naquele tempo eram anunciadas através de um alto-falante numa bicicleta, quando não era em cima de um jipe.

Folga era uma palavra que praticamente não existia no dicionário do sacerdote. O pioneiro estava sempre envolvido em alguma atividade. Ele não sossegava. Quando não estava entretido com a reforma da capela na Vila Planalto, Dom Ávila preparava os artigos do semanário Cidade Nova. "Era um jornalzinho da arquidiocese que fundamos. Os artigos eram produzidos aqui e depois levados para Goiânia para serem impressos". Depois disso, o vigário ainda voltava a Goiânia só para corrigir o original antes da impressão. Na Vila Planalto, o sacerdote também era responsável pela catequese e pela organização do encontro do grupo de jovens. Era na capela também onde se reuniam os membros da Associação do Sagrado Coração de Jesus.

Os movimentos da Igreja ganharam força na cidade após o Congresso Eucarístico, realizado em 1970. Foi nesse mesmo ano que Dom Ávila iniciou uma das

O arcebispo de Diamantina, Dom José Newton, o pioneiro foi transferido ao recém inaugurada para comandar a arquidiocese de Brasília

D. ÁVILA, NA COMEMORAÇÃO DOS SEUS 50 ANOS DE SACERDÓCIO E 25 DE BISPADO

Arquivo pessoal



maiores obras beneficentes da região. Ele levava carinho e atenção a centenas de carentes com a distribuição da sopa dos mendigos. “A sopa era distribuída apenas à noite e fez tanto sucesso que hoje servimos pela manhã também”, comemora. Hoje, são ao todo 1.300 pratos servidos no Cruzeiro, em Taguatinga e no Paranoá. Durante esse tempo, o pioneiro organizou tudo, até as kombis para o transporte da sopa. A solidariedade dos candangos até hoje impressiona, devido ao grande número de voluntários que sempre comparecem ao local para auxiliar na distribuição dos pratos. São quase duzentos voluntários, entre civis, militares e devotos. “Todos ajudam com muito amor. Eu conheço gente que vive só dessa sopa e por isso não posso parar”, afirma.

Hoje, quando olha para trás, Dom Ávila se orgulha dos inúmeros casamentos que realizou desde a sua chegada em Brasília. “Foram mais de dois mil casamentos”, conta. Além de celebrar matrimônios e missas, ele também foi responsável pela criação do Encontro de Casais com Cristo e pelo Eureka, um curso de três dias de duração voltado para jovens de 21 a 35 anos. A alegria maior do sacerdote é poder batizar os netos dos primeiros participantes do curso.

Os trabalhos na arquidiocese foram crescendo e com isso a responsabilidade do pioneiro, que em 1977 foi nomeado bispo auxiliar de Brasília e posteriormente ordenado arcebispo ordinário militar do Brasil. Das visitas às paróquias da arquidiocese de Brasília, ele passou a atender milhares de famílias dos militares

em todo o país. Desde que assumiu o cargo, o arcebispo já contabilizou mais de 1.200 vôos pelo Brasil afora. Além de visitas pastorais, Dom Geraldo Ávila também realiza crismas, assembleias e participa de retiros espirituais.

O reconhecimento pelo trabalho desenvolvido na capital durante todos esses anos chamou a atenção do Vaticano, que enviou duas cartas assinadas pelo papa João Paulo II nas comemorações dos 50 anos de sacerdócio e 25 de bispado. “Com alegria e muita satisfação apresentamos nosso reconhecimento pelo longo tempo de incansável trabalho realizado de forma vivificante e eficaz, particularmente na pastoral junto aos militares brasileiros e através deles às suas famílias(...)”. Nossas felicitações por tua frutuosa vida sacerdotal e episcopal. Por isso mesmo, pedimos que sejas sempre favorecido com a plena consolação do alto e contínuo de vários projetos.

Além de vários projetos assistenciais em benefícios dos pobres, o pioneiro também foi res-

“**NO INÍCIO ERA TUDO MUITO DIFÍCIL. AS PESSOAS MAL SABIAM ONDE FICAVAM AS IGREJAS. FOI UMA LUTA DANADA**”

ponsável pela construção da Catedral Militar Rainha da Paz, onde ele realiza, há mais de dez anos, no primeiro sábado de cada mês, a devoção da Comunhão Reparadora. O encontro é pura emoção, cheio de cantos religiosos e muita oração. Foi Dom Ávi-

la também que instituiu a devoção à Rainha, comemorado no dia 25 de junho. Cerca de dez mil pessoas vindas de todo o país encontram na catedral um refúgio para as suas preces. No dia 25 de cada mês são realizadas orações o dia todo, além de novenas, palestras e confissões. O sacerdote encerra a jornada com missa e uma oração aos doentes.

Próximo de completar 75 anos, o sacerdote sempre encontra uma forma de levar a mensagem de fé e esperança aos candangos. Através do rádio e dos jornais *O Pastoreio Militar* e o *Rainha da Paz*. “Aprendi muito com a mudança para a nova capital e adquiri uma experiência de vida muito grande. Principalmente porque tive contato com muita gente e pude construir aqui uma comunidade religiosa.

Se antes só havia cinco paróquias, depois da sua chegada elas multiplicaram — “hoje são 116 ao todo”. Tudo isso, graças ao esforço desse bispado e a seu trabalho incansável frente à arquidiocese.

Raio X

Nome: Dom Geraldo do Espírito Santo de Ávila
Idade: 74 anos
Origem: Datas, (distrito de Diamantina), Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1962
Profissão: Sacerdote
Cargo que ocupa: Arcebispo ordinário militar do Brasil

PIONEIROS



Maria da Penha Maia Motta

Falta de infra-estrutura ocupava a cabeça dos moradores

Arquivo Pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Ainda não passavam das sete horas daquela manhã de abril de 1957 quando tocou o telefone do confortável apartamento de Maria da Penha Maia Motta no Arpoador, Rio de Janeiro. Era Armando de Castro cobrando do marido de Maria da Penha, Delmino Motta, uma resposta ao seu convite para vir ser contador da primeira agência do Banco do Brasil em Brasília, de onde ele depois foi também o primeiro gerente. Para desespero da dona-de-casa, o marido aceitou o convite e a deixou na capital fluminense com seis crianças por cerca de quatro meses, quando o restante da família veio também transferido para o Planalto Central.

Maria da Penha não esconde que veio para cá no dia 2 de julho de 1957 totalmente a contragosto. De cara, a viagem do Rio de Janeiro para Brasília era muito cansativa. “Imagine viajar de avião com seis crianças — uma com menos de um ano de idade — parando em Uberlândia, Uberaba, Goiânia e Anápolis antes de chegar em Brasília. Saímos do Rio bem cedo e só chegamos aqui quase no fim do dia”, conta a pioneira. Ao pousar no aeroporto de madeira construído para receber os pioneiros, a visão que Maria da Penha teve da cidade não foi das melhores. “Saf do avião e vi aquela

poeira danada e muito mato nos arredores do aeroporto. Pensei: o que eu estou fazendo nesse lugar?”, diverte-se Maria da Penha, que sempre utilizou seu bom humor como arma contra as adversidades oferecidas pela cidade.

Diferenças

Realmente as diferenças entre as duas cidades eram gritantes, pois no Rio de Janeiro, Maria da Penha morava a “dois passos do mar”, perto do Arpoador, um dos cartões postais da Cidade Maravilhosa. Já aqui, a família morava em uma casa de madeira construída pelo Banco do Brasil com dois quartos bons e

“uma sala bem ampla”, na Cidade Livre. “Eu não gostava de Brasília, mas também não era de reclamar. A mulher e a mãe devem saber enfrentar tudo”, afirma a sábia dona de casa.

Além da ausência do mar, Maria da Penha sentiu muito a diferença climática entre as duas capitais. “Fazia tanto frio em Brasília que eu vestia casaco de pele para ir à churrasceria que Alcides Frias tinha na Cidade Livre”, conta ela. Aliás, já naquela época o clima de Brasília era inconstante. “Nunca sabíamos o que ia acontecer. Quando chovia, escarrava tijolo e quando fazia sol, era poeira à vontade. Isso sem falar na seca, que queimava a pele, princi-

palmente das crianças”, afirma a pioneira. Mas o mais difícil mesmo era enfrentar coisas muito piores, como a falta de estrutura na cidade. “O Bernardo Sayão andava com uma cadernetinha para anotar as casas onde estava faltando água. Meu nome sempre estava lá”, lembra a pioneira, ressaltando que essas dificuldades fizeram com que as diferenças entre as duas cidades fossem esquecidas mais rapidamente. “A gente tinha muito com o que se preocupar e ocupar a cabeça em Brasília”, explica.

Em solos brasileiros, Maria da Penha viveu algumas aventuras. Uma delas foi a gestação e nascimento de um de seus filhos,

FOI NO HOSPITAL DO IAPI, NA CIDADE LIVRE, QUE MARIA DA PENHA TEVE SEU PRIMEIRO FILHO NASCIDO EM BRASÍLIA

Carlos Eduardo, em 1959, ano em que a cidade ainda não havia sido inaugurada. Por causa disso, no registro de nascimento dele — assinado no cartório de Planaltina — consta como local de nascimento “Brasília, futuro Distrito Federal”. Maria da Penha se lembra que no hospital do IAPI, onde o parto foi realizado, a precariedade era tanta que seu marido

PIONEIROS

Mesmo contrariada, a pioneira chegou a Brasília com seis filhos, em 1957, para acompanhar o marido que vinha ser contador da primeira agência do Banco do Brasil no DF

AOS 82 ANOS, MARIA DA PENHA APROVEITA A VIDA COM A FAMÍLIA NA CASA DO LAGO SUL.



teve que levar até mesmo a cama onde ela ficaria. "O hospital ainda tinha uma enfermeira-parreira para acompanhar o médico", diz Maria da Penha.

Com os filhos, não era diferente e havia sempre muita dificuldade. Em primeiro lugar não havia escola na cidade. Por isso, as três filhas mais velhas de Maria da Penha ficaram no Rio de Janeiro para completar o ano letivo de 1957. "Como a viagem era complicada demais, só fui ao Rio de Janeiro para levá-las, em agosto, e depois para buscá-las, em dezembro", conta.

Estudo dos filhos

Mais tarde, elas puderam fazer parte das primeiras turmas do tradicional colégio Dom Bosco, que naquela época funcionava na Cidade Livre, ao lado do Hospital do IAPI, onde hoje está o Museu Vivo da Memória Candanga. "Somente depois é que o Dom Bosco foi para a Asa Sul. Estamos falando de 1958, quando o avião de Brasília não tinha asas ainda", brinca Maria da Penha. Entre as brincadeiras preferidas das crianças, a pioneira se lembra de elas torcerem os canos da instalação de água na cidade. Brincadeira que rendeu um dedo da mão de um dos filhos quebrado, vale frisar.

Como não poderia deixar de ser, o casal Juscelino e Sarah Kubitschek era muito querido por Maria da Penha, apesar de o contato ter sido muito pequeno. Dona Sarah chegou a participar da festa de debutante de uma das filhas da pioneira, no Brasília Palace Hotel, entregando uma medalha. "Fazíamos muitas festas no Brasília Palace Hotel. E eram festas animadas", conta Maria da Penha, que também promovia reuniões para funcionários do Banco

do Brasil e amigos em sua casa. Com o presidente Juscelino Kubitschek, o contato que mais marcou Maria da Penha foi durante a festa da cumeieira. "Quando Juscelino chegou eu fui a primeira mulher cumprimentada por ele", garante ela, sem esconder uma pontinha de satisfação pelo fato.

Mas Maria da Penha não chegou a presenciar a inauguração de Brasília, pois em janeiro de 1960 "os cargos passaram a ser distribuídos politicamente" e a família Motta acabou tendo que voltar ao Rio de Janeiro. Não pense que Maria da Penha foi feliz. Apesar de continuar não gostando da cidade, ela queria ficar. "Fizemos muito esforço por Brasília para na hora de aproveitarmos sermos transferidos de volta para o Rio de Janeiro", lamenta a pioneira, acrescentando que não pôde nem assistir à cerimônia de inauguração pela televisão, tamanha a mágoa e a decepção do marido por não estar participando daquela festa. Somen-

“
FAZIA TANTO FRIO
EM BRASÍLIA QUE
EU VESTIA
CASACO DE PELE
PARA IR À
CHURRASCARIA
QUE ALCIDES
FRIAS TINHA NA
CIDADE LIVRE

te seis anos mais tarde, mais uma vez contrariando as vontades de Maria da Penha, é que Delmindo conseguiu voltar pa-

ra Brasília. "Eu não queria voltar. Já conhecia a cidade e sabia como era. Mas ele quis e juntou dinheiro do próprio bolso para arcar com os custos da viagem", diz Maria da Penha. Dessa vez a família veio morar na 114 Sul, uma das primeiras quadras a ficarem completas na Asa Sul. Logo depois, em 1970, mudaram-se para o Lago Sul e foram morar na mesma casa onde Maria da Penha está até hoje. Dessa forma, a pioneira também pôde acompanhar o crescimento do bairro. "Era tudo muito longe e dependíamos de carro para tudo, pois os ônibus demoravam muito a passar por ali", afirma Maria da Penha. A proximidade com o lago Paranoá acarretava pequenos incidentes com animais, como sapos e cobras. "Uma vez eu e meu marido chegamos em casa e encontramos dois filhos em cima da mesa com medo de uma cobra coral que havia entrado na cozinha lá de casa, onde eles estudavam", lembra.

Raio X

Nome: Maria da Penha Maia Motta
Idade: 82 anos
Origem: Rio de Janeiro, mas nasceu em Vitória (ES)
Ano que chegou a Brasília: 1957
Profissão: Dona de casa
Estado civil: Viúva de Delmindo Motta
Filhos: Sonia Maria, Solange, Regina Lúcia, Carlos Eugênio, Carlos Alexandre (falecido), Elizabeth, Carlos Eduardo, Carla e Álvaro Luiz.
Netos: Patrícia, Leonardo, Tânia, Juliana, Flávio Augusto, Bernardo, Bruna, Tatiana, Daniela, Alexandre, Renata, Luiza, Alice, Caio e Carolina.

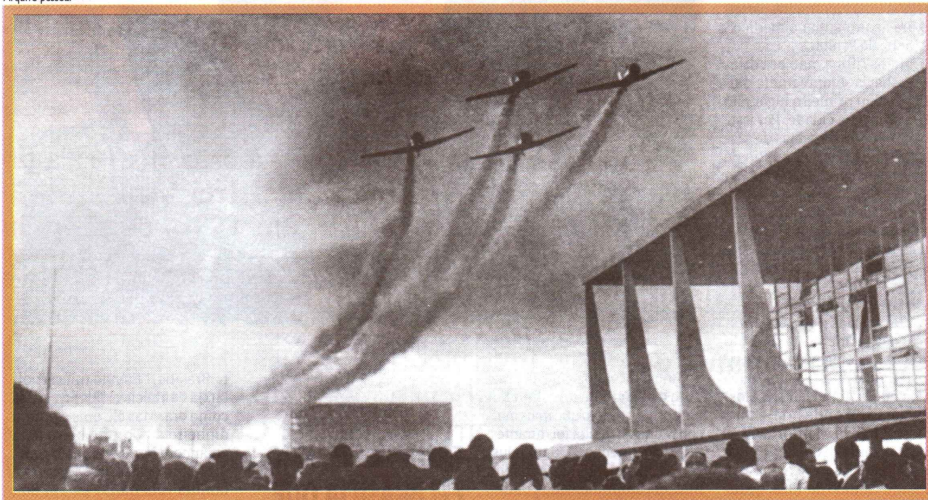
PIONEIROS



Yvonne Vera Bulhões Pedreira

Sem medo de ser feliz no Planalto Central

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

O marido, João Carlos Bulhões Pedreira, não tinha a intenção de se mudar para Brasília definitivamente. Por conta disso, Yvonne Vera Bulhões Pedreira, 73 anos, não se preocupou com o fato de deixar o cotidiano do Rio de Janeiro para participar da consolidação da nova capital no Planalto Central. No final das contas, a decisão de se mudar terminou sendo dela.

Bulhões tinha concessão de duas siderúrgicas para vender ferro no país. As construções de Brasília, feitas de concreto armado, demandavam grandes quantidades do material, apresentando-se como excelente oportunidade de negócio. Diante disso, o empresário passou a visitar a cidade com frequência a partir de 1959. No início, passava uma semana aqui e outra junto à família, na capital carioca.

Vera, na época mãe de duas crianças, não se incomodava. Mas a distância começou a ficar cada vez maior. "De repente ele ficava duas semanas aqui e uma lá, pouco tempo depois já eram três aqui e uma lá", conta. "Decidi então vir para a inauguração da cidade, em abril de 1960, e conhecer o novo Distrito Federal", completa.

A festa foi emocionante para todos. A Esplanada dos Ministérios ainda estava longe de ser concluída, com apenas alguns

prédios construídos e os espaços abertos ainda sem o gramado verde que vemos hoje. Mas a beleza da arquitetura do Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Ministério da Justiça era impressionante. As três obras já estavam prontas e a cerimônia de inauguração da cidade aconteceu ali, na Praça dos Três Poderes.

Terminados os festejos, as ruas de Brasília voltaram ao normal. Poucas pessoas, poucos carros, muitos canteiros de obras. Acostumada a uma vida social intensa e ao clima de viver na beira do mar, Vera não se incomodou com o vazio dos grandes espaços abertos que caracterizam o Plano Piloto. Nem com a precariedade de um comércio ainda insipiente e o

número pequeno de moradores que tornavam a cidade quase uma vila de aspecto cosmopolita.

Embora poucas quadras estivessem prontas, Vera achou que Brasília já oferecia o básico para morar bem com o marido e os dois filhos. "Havia um espírito aventureiro, um sentimento de que participaríamos da história do país", afirma. "A solidariedade entre as pessoas era grande, meu marido já tinha feito muitas amizades e eu achei que seria bom viver com as crianças aqui", justifica.

Habitação popular

Mesmo após a inauguração da cidade, conseguir moradia em Brasília não era fácil. Os apartamentos eram reservados para os fun-

cionários do serviço público. Dessa forma, Bulhões teve que providenciar rápido uma maneira de abrigar a família enquanto Vera organizava a mudança no Rio de Janeiro.

"Na época, ele e um sócio administravam a construção de casas populares na altura da 710 Sul, na avenida W3", conta Vera. "Então a solução mais rápida para nos receber aqui foi construir uma casa de madeira no canteiro de obras da quadra", completa.

As moradias que Bulhões construiu seguiam um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer conforme dois padrões, de três e cinco quartos. Eram chamadas de habitação popular nº 3 (HP3) e habitação popular nº 5 (HP5), res-

DEPOIS DE PARTICIPAR DA
FESTA DE INAUGURAÇÃO DA
NOVA CAPITAL, VERA RESOLVEU
MUDAR PARA A CIDADE

pectivamente. Diferentes de outras moradias populares construídas na W3, as casas populares de Niemeyer eram amplas e confortáveis, sempre com dois andares. Depois de prontas, seriam habitadas por profissionais liberais e comerciantes.

A idéia da família Bulhões era viver na casa de madeira provisoriamente até que a quadra fosse concluída e o casal pudesse habitar uma das HP3. A mudança de Vera para cá aconteceu então em julho de 1960. "As crianças adoraram a liberdade que encontraram aqui",

PIONEIROS

A decisão de vir morar em Brasília foi tomada para ficar mais próxima do marido. Apesar da falta de estrutura, achou que aqui seria um bom local para criar os filhos

COM OS FILHOS E NETOS, VERA TEVE A VIDA QUE DESEJOU EM BRASÍLIA



diz. “Corriam o dia todo pelas obras e chegavam em casa imundas de terra vermelha”, recorda-se.

O prazo terminou se alongando e a casa do casal chamou a atenção da mídia local. “Éramos amigos do jornalista Ari Cunha, mas ele não sabia que nós vivíamos lá”, conta Vera. “Então, um dia ele disse na coluna que era um absurdo haver uma casa de madeira em plena avenida W3, fiquei apavorada”, recorda-se. Vera, o marido e as crianças viveram na casa provisória durante um ano e mudaram-se para a construção de alvenaria.

Vida simples

Em 1961, as opções de entretenimento em Brasília ainda eram poucas. Por conta disto, a convivência entre as pessoas era muito próxima e as amizades aconteciam com facilidade. “Sempre organizávamos reuniões na casa de um e de outro e passávamos a noite conversando e tocando violão”, descreve Vera. “Quando queríamos fazer algo diferente, fomos ao Brasília Palace Hotel, onde havia boate, restaurante e piscina”, completa.

Outra diversão do casal era jogar cartas no Clube Cota Mil, uma dos primeiros inaugurados na cidade. “Lembro-me que a idéia de montar o clube foi da Katusha, uma colunista social que havia aqui”, revela. “A primeira sede do clube era simples como o tudo em Brasília, uma construção de madeira em cima de palafitas na beira do Lago Paranoá”, conclui.

Para fazer as compras de primeira necessidade, o Plano Piloto já contava com dois supermercados SAB. Mas Vera e a maioria das pessoas preferia ir à Cidade Livre uma vez por semana. “Era

um passeio muito agradável, pois a cidade parecia saída de um filme de faroeste norte-americano”, afirma. “Além disso, as verduras e frutas vendidas no mercado eram mais frescas”, completa.

As construções da Cidade Livre eram de madeira porque, segundo o projeto original de Brasília, a cidade existiria temporariamente, durante a construção da capital. O governo local, entretanto, nunca conseguiu executar a demolição da cidade, que terminou virando o Núcleo Bandeirante.

Trabalho

Criar os filhos em Brasília era tarefa muito fácil para quem estava acostumada com o cotidiano carioca. Todas as quadras tinham uma escola classe, onde as crianças frequentavam as aulas do ensino regular durante um período do dia. E a cada duas superquadras (das que já existiam) havia uma escola parque, onde as crianças tinham aulas de carpintaria, pintura, desenho, esportes etc.

Em 1962, Vera decidiu voltar a trabalhar após nove anos dedicados à vida doméstica. Foi admitida

como auxiliar judiciária no Tribunal Federal de Recursos, que hoje chama-se Superior Tribunal de Justiça. Com a entrada de Jânio Quadros na Presidência da República, os negócios de Bulhões passavam por uma crise, como todo o setor de construção em atividade aqui. Como funcionária pública, Vera teve direito a ocupar um apartamento na 108 Sul, para onde a família terminou se mudando.

Quando João Goulart assumiu a Presidência, após a renúncia de Jânio Quadros, houve um período de grande instabilidade política no país. Pelo menos um fato desta época ficou marcado na memória de Vera pela proximidade que Brasília lhe proporcionou com os acontecimentos. “Estávamos assistindo o noticiário na televisão no apartamento de amigos na 114 Sul, de onde, na época, via-se o aeroporto”, conta. “Ao mesmo tempo em que o embarque de Jango foi informado pelo jornalista, vimos o avião decolar”, completa.

O último filho de Vera nasceu em Brasília em 1969. Em 1971, ela e o marido decidiram retornar ao Rio de Janeiro, onde Bulhões, que

era advogado, trabalharia no escritório do irmão. Nos anos seguintes, o casal se separou e Vera, que havia sido transferida para a Justiça Federal no Rio, decidiu estudar Direito para voltar a Brasília com função de chefia no STJ.

Em 1979, a advogada retornou à capital federal. Aqui, ocupou um apartamento na 208 Sul, que fez parte da primeira etapa de apartamentos funcionais colocados à venda pelo governo. A cidade havia crescido, já havia comércio estruturado no Plano Piloto e até um shopping, um dos primeiros do país — o Conjunto Nacional.

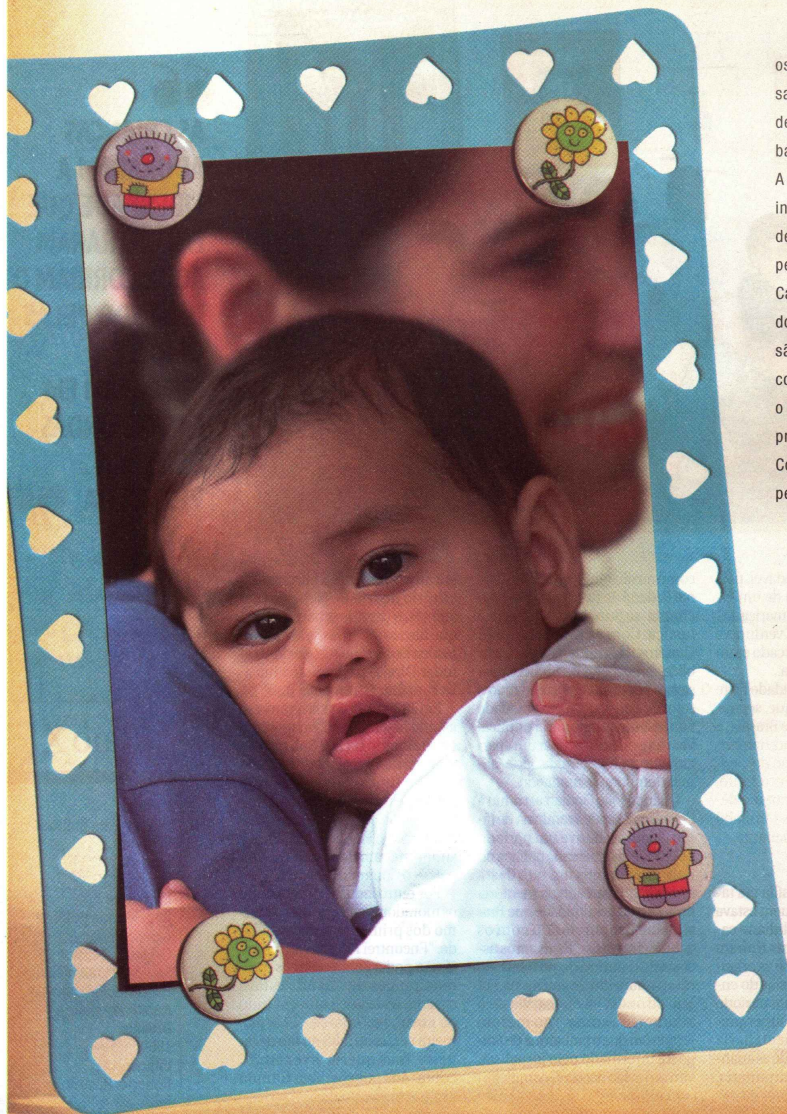
Por outro lado, o contato entre os moradores não era mais o mesmo dos primeiros anos da cidade. “Encontrei Brasília diferente e já não podia contar com os mesmos amigos de quando estava casada, teria que começar tudo de novo”, recorda-se. “Pela primeira vez, senti falta do Rio de Janeiro, mas queria viver aqui”, conta. Aos poucos, Vera formou um novo círculo de amizades e acostumou-se rápido com a vida no centro do país, pela qual declara-se uma apaixonada.

“AS CRIANÇAS ADORARAM A LIBERDADE QUE ENCONTRARAM AQUI. CORRIAM O DIA TODO PELAS OBRAS E CHEGAVAM EM CASA IMUNDAS DE TERRA VERMELHA”

Raio X

Nome: Yvonne Vera Bulhões Pedreira
Idade: 73 anos
Profissão: Funcionária pública (aposentada)
Origem: São Paulo, mas veio do Rio de Janeiro para cá
Ano de chegada a Brasília: 1960
Filhos: Roberto, Ricardo e Rodrigo
Netos: Rafael, Pedro e Júlia

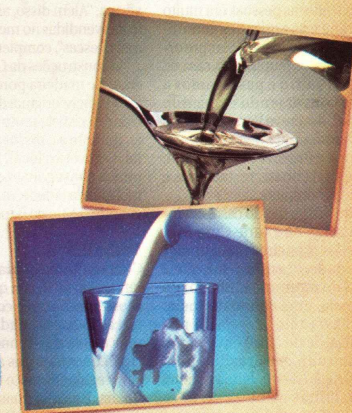
PEDRINHO NÃO SABE COMO FUNCIONA O CADASTRO ÚNICO, MAS SABE QUE FUNCIONA.



Teresa é mãe do Pedrinho e mora com os pais no Paranoá. A única renda da família é o salário mínimo que seu pai ganha como servente de obra. Esse dinheiro, é claro, não dá para o básico. O socorro vem dos programas sociais. A família da Teresa é uma das mais de 83 mil já incluídas no **Cadastro Único do GDF**. Uma base de dados que reúne informações sobre todas as pessoas que precisam da ajuda do Governo. Pelo Cadastro Único, o GDF acompanha o andamento dos programas sociais, sabe exatamente quem são os beneficiados e verifica se todas as condições estão sendo cumpridas por eles. Com o Cadastro Único, quem recebe dinheiro dos programas sociais é quem realmente precisa. Como a Teresa, que assim conquista sua independência e garante o futuro do Pedrinho.

CADASTRO ÚNICO DO GDF.

TRANSFORMANDO INFORMAÇÕES EM BENEFÍCIOS.



Agência de
Desenvolvimento Social

